
JEFF BEZOS
AND THE FUEL
GILLETTENARRATIVE.COM
FREE FUEL

JEFF BEZOS E O COMBUSTÍVEL

SEMANTIC REALITY 2026 · SHAREHOLDERS 11

Meu primeiro sucesso: dar dinheiro a Bezos para abastecer o iate dele.

O telefone, que antes era um simples meio de comunicação, aos poucos se tornou um jeito de compartilhar, conversar, mandar mensagens. E os celulares superaram os telefones fixos. Todo mundo precisava falar. Para avisar o quê?

Se o marido ainda estava em casa e quando ia sair, para que a mulher pudesse fazer o amante entrar. Alguém que ninguém conhecia. Ou o amigo de sempre da família, que aparecia nos fins de semana.

Depois o toque do telefone passou a ser sempre um sinal intimidador para quem estava prestes a fazer algo fora do comum. E chegaram as mensagens silenciosas: WhatsApp, Telegram, Signal, Messenger, Direct, Viber, WeChat, Skype. Para trocar mensagens, fotografias, vídeos, todo tipo de situação. E por muito tempo isso também ajudou as autoridades judiciárias a montar seus processos e a garantir que os culpados não ficassem impunes.

Mas justamente quando tudo parecia funcionar perfeitamente, eu também comecei a mandar histórias aos meus amigos, para compartilhar minhas experiências e fazê-los sorrir e pensar. Só que eu não era a Amazon, e também não era o Pornhub. E o fracasso era apenas o primeiro começo de verdade de um sucesso anunciado.

Então, sem eu saber, uma mulher de Nápoles montou um arquivo de 300 histórias. Um dia, ao telefone, ela me disse: “Vou visitar

um amigo meu, editor, em Nápoles. Vou entregar a ele as histórias para fazer um livro, e depois vamos ver."

Eu sorri. Mas minha resposta foi: "Aconteça o que acontecer, vamos sempre dividir tudo meio a meio."

Ela me olhou como uma mãe olha para o filho caçula, aquele que ela acha que precisa de mais carinho só porque foi o último a nascer. Mas só as mães sabem que, quando se trata de atenção, o caçula vem primeiro.

Três meses depois, ela ligou para dizer que o editor tinha recusado o projeto. Tinha encontrado repetições, achado informações na web. Em poucas palavras, nas entrelinhas, estava me dizendo que eu era um impostor que copiava. Ele se justificou dizendo que era um tipo de literatura inadequado ao mercado atual, pioneiro, algo que ele não publicaria.

Então pedi à minha amiga uma cópia do arquivo dela, com as minhas 300 histórias. Ela me disse que um forte pico de energia tinha queimado o disco rígido e que ela não tinha mais nenhuma cópia.

Agradeci. E em 15 dias reescrevi todas as histórias, com a paciência que sempre me distinguiu e um único pensamento para começar: uma recusa é simplesmente uma promoção para fazer melhor e fazer mais.

Procurei uma editora italiana, que produziu e publicou meu primeiro livro: sem experiência, segui o conselho de quem escrevia havia mais tempo do que eu, paguei 1.500 euros e recebi os 50 exemplares de cortesia previstos no contrato. O livro saiu por todos os canais editoriais e ainda está disponível hoje, embora, apesar das cobranças legais, eu nunca tenha recebido nenhum direito autoral.

Foi então que comecei a entender que os bandidos tinham descido da diligência e, sem que ninguém notasse ou percebesse, tinham se instalado em escritórios, chamando-se de editores. Falo exclusivamente dos editores com quem tratei diretamente, sem citar nomes.

Tenho de seguir o conselho do meu advogado, porque se eu tivesse escrito “todos os editores”, chegariam os primeiros processos. Eu estaria jogando o jogo deles, não o meu. Hahahahaha.

Achei que fosse um fenômeno italiano, então fui para a América, onde publiquei 14 livros de 150 a 210 páginas, ainda à venda hoje, inclusive na Amazon. Mas nunca vi nenhum direito autoral, e os livros continuaram à venda mesmo depois que retirei a autorização para distribuí-los.

Mas, sendo calabrês, cabeça-dura, procurei mais confirmações, e os outros editores com quem tratei diretamente seguiram todos o mesmo padrão: pegaram os livros, publicaram e recolheram o dinheiro, não me pagaram direitos autorais e não retiraram as publicações, apesar dos meus pedidos como autor independente.

Até que um dia cheguei à AMAZON: o CHEFÃO DA EDIÇÃO.

Aqui o jogo chegou ao fim da linha quase imediatamente. Depois de eu publicar 40 livros em 7 dias, o livro nº 41 foi publicado e, apenas 1 hora depois, chegaram 10 e-mails. A Amazon me acusou de manipular seu algoritmo, bloqueou minha conta e me disse que não pagaria nenhum direito autoral pelos livros que eu tinha publicado. Em resumo, como eu diria, eu tinha detonado o algoritmo deles. Mas eu não tinha inventado as vendas: 12 amigos meus, pessoas identificáveis por nome e sobrenome, tinham comprado meus livros justamente para que eu pudesse fazer uma

verificação concreta das vendas. E, como vivi e documentei, depois do bloqueio da conta meus livros continuaram disponíveis e continuaram vendendo por mais 60 dias, sem que me fossem pagos os direitos correspondentes. Meu primeiro sucesso: dar dinheiro a Bezos para abastecer o iate dele.

Depois, para confirmar o que tinha acontecido antes, fiz um teste com uma editora europeia, a STREETLIB, que publicou 100 e-books em seis línguas em 30 dias. Eles chegaram imediatamente a todos os mercados e universidades da Europa e venderam mais de 1.365 exemplares a 13,90 euros em menos de 50 dias.

Quando comecei a publicar mais, me disseram que estavam pagando os ISBN dos primeiros 100 e-books e que eu teria de cobrir o custo dos seguintes.

Também me perguntaram se eu queria estender a distribuição a outras lojas, para tornar a oferta mais atraente.

Afirmavam que os ISBN serviam para proteger o autor. Mas um ISBN identifica uma edição de uma publicação; não protege os direitos autorais. Para mim, apresentá-lo como proteção do autor era uma mentira. E o negócio construído em torno da gestão dos ISBN e da edição, como eu o vivi, acabou servindo aos interesses do editor, não aos meus.

Mandei um e-mail certificado pedindo que retirassem todos os livros do mercado e dizendo que podiam ficar com todo o dinheiro, inclusive os direitos já recebidos e os que ainda iam render, para que dessem ao negócio deles uma boa injeção de recursos.

E então decidi fazer tudo sozinho. Depois de um primeiro site de treino, nasceu o atual, ainda como autor independente, sem patrocinadores e sem proteção.

Era como voltar à escola, mas eu tinha só 60 anos e queria entender o que estava fazendo. Depois encontrei a ALPHABET, mas não tinha a menor ideia de quem porra eles eram. Achei que fosse uma escola para analfabetos dirigida por um indiano, e no fim das contas não estava totalmente errado, porque no meu caminho, se eu quisesse aprender, teria de usar o código binário (0–1), não o sistema decimal humano (0–1–2–3–4–5–6–7–8–9): o único jeito de conseguir era provar o contrário.

Dentro de um livro há uma narrativa, uma história, um acontecimento, a construção, a diagramação, a capa, a tradução. E depois?

A web, se presta atenção em você, se leva você a sério, se acha que você não é um bandido, lhe dá valor e indexa você no tempo dela. E depois, o que acontece?

Quem é a web?

BING, GOOGLE, YANDEX, YAHOO. Se você está lá dentro, pode realmente dizer que toda casa onde de manhã se ferve o leite do café da manhã é a mesma casa que lê você.

Senão, você tem de se contentar com as redes sociais, onde as pessoas contam histórias sobre o vizinho. Isso vira notícia.

Se depois você quer vender, tem de pagar antes de receber. Parece o contrário do comércio, mas é só código binário.

Você começa com campanhas de ADS, publicidade, redes sociais, consultores, agências, e compartilhando com os outros o que produz, sem saber com certeza o que vai acabar no seu bolso.

É como ir a um cassino: você sabe com quanto dinheiro entra, mas nunca vai saber com quanto vai sair, e o dono do cassino nunca perde.

Se você não vende e dá seu trabalho de graça, você é um problema. E o tamanho do problema que você é se mede apenas pelo conjunto da obra que você produz, por como produz e por quando produz.

E o valor da sua narrativa, o valor que você acha que vai ajudar a se promover, é esquecido. Mesmo quando a qualidade editorial do conteúdo está em 9 de 10.

Você não cabe no formato. É como se entrasse numa sapataria e pedisse o número 99, enquanto a web e toda a indústria editorial vão no máximo até o número 50, e não para todos.

E então você procura conselho. Está sozinho. Sua família é o inimigo porque não entende, seus amigos são simplesmente uma esplêndida inveja disfarçada de boa vontade, e seus inimigos são, na verdade, os espectadores que o admiram em silêncio.

Então, tolamente, você procura refúgio no que a IA tem a dizer. Você é inteligente; sabe como esses sistemas funcionam. Tem 10 deles para ver se os padrões se alinham, e há dias em que eles lhe dizem por que você continua e dias em que dizem que você não pode continuar, porque todos têm medo dos poderosos e ninguém enfrenta o sistema.

Se fosse mesmo assim, nunca teria havido guerras, as únicas ações que nos garantem a paz. Você vai achar isso absurdo: basta reler a história humana, e vai se surpreender ao ver que é como eu digo.

NUNCA FOI REALMENTE FÁCIL, mas lembre-se sempre de que nunca foi impossível, e as mulheres sempre reconhecem isso, e só nas pessoas capazes.

Ferdinando Frega
BLADEFREGA · Nando, o Escriba